

## **Um emprego com futuro**

Ao convidar Patrick Monteiro de Barros no Verão de 1968 para integrar a Sonap, Manuel Bulhosa dá-lhe duas alternativas: a primeira era entrar logo para o quadro como chefe de divisão; a segunda, se quisesse aprender o *métier* a fundo, seria a de frequentar a «Universidade Manuel Bulhosa», ou seja, começar por baixo como estagiário e subir um por um os degraus da casa.

Patrick escolhe a segunda e passa mais de um ano nas refinarias, no abastecimento à navegação e à aviação, na entrega de botijas de gás, na condução de carros-tanque e a trabalhar lado a lado com os operários das várias instalações em Lisboa, Coimbra e Matosinhos.

Antes de se apresentar ao serviço foi a uma loja no Cais do Sodré comprar umas roupas mais modestas. Não podia chegar a Cabo Ruivo com camisas de marca e ao volante de um Mercedes. Antes da sua admissão, foi também a uma inspeção médica com o médico da Sonap, o professor José Augusto Borges de Almeida, que

veio a ser o seu médico em Portugal. Os dois passaram muitas horas a navegar e em caçadas.

Anos mais tarde, depois do 25 de Abril, foi encarregado por Bulhosa de escrutinar o seu arquivo pessoal na Sonacin e enviar os documentos confidenciais para Paris. No meio de centenas de *dossiers*, encontra um com o seu nome. Com curiosidade, não resiste a abri-lo e vê uma série de relatórios mensais elaborados pelo departamento de pessoal, que permitia a Bulhosa acompanhar de perto o seu estágio de formação. Havia um apontamento manuscrito do patrão onde se podia ler: «O rapaz promete!»

É neste momento que o jovem burguês que estudou no estrangeiro se dá conta dos graves problemas sociais de um país pobre na periferia da Europa, sob um regime ditatorial. Sente que existe mau estar entre os seus colegas de trabalho resultante do peso do Regime e das consequências da Guerra de África.

Numa das idas à herdade fica abalado com a notícia da morte do filho da cozinheira, um dos seus companheiros de brincadeira quando eram miúdos, que estava a combater em Angola. Alguns dos seus amigos que já tinham feito serviço militar como alferes ou tenentes milicianos na Metrópole, receavam ser chamados para uma comissão em África como capitães.

Em 1969, já recuperado do acidente de automóvel, vence o seu primeiro campeonato em Star como proa de António Mardel Correia. Repetem o título em 1973, mas desta vez com seis primeiros lugares. Um recorde nunca mais alcançado.

Depois de um ano de serviço na Sonap, é nomeado chefe de divisão do departamento de operações com um ordenado mensal de 9000 escudos. O sector era considerado muito importante pois era nele que se centralizavam as compras de crude e de refinados, bem como toda a logística e afretamentos do grupo. «Aqui pode-se ganhar muito ou perder muito dinheiro, tem cuidado!» – avisava Bulhosa.

A Sonap, fundada em 1933, era uma empresa muito bem administrada e os empregados mais velhos da casa eram da opinião que a associação no passado entre Manuel Queiroz Pereira e Manuel Bulhosa tinha sido um êxito. Consideravam o primeiro um gestor ímpar e Bulhosa um estratega excepcional.

Durante a Guerra Israelo-Árabe de 1967, Bulhosa fora chamado por Salazar para garantir o abastecimento de crude a Portugal. Uma missão que cumpriu com êxito graças aos seus conhecimentos internacionais e às suas relações privilegiadas com algumas *majors*, nomeadamente com a CFP (Compagnie Française des Pétroles) que mais tarde mudou de nome para Total.

A empresa tinha uma equipa de excelentes directores como Pinheiro Henriques nas Finanças, Leiria Neto na Área Comercial, José Souto nas Operações, Lancastre Freitas no Gás, Nunes Rodrigues no Planeamento, Bebiano nos Lubrificantes, Nuno Caetano na Aviação e Peres Coelho nos Recursos Humanos. No seu departamento, Patrick contava com óptimos adjuntos, o Pessoa de Amorim no *supply*, o José Mourinho no abastecimento à navegação (*bunkers*) e o José Outerelo na coordenação do *supply* de África e Internacional. A responsabilidade do departamento jurídico estava a cargo de Manuel de Castro e havia um consultor americano, Ted Xantaky, que muitos diziam ter sido o responsável da CIA em Portugal.

Uma das características da Sonap era uma alta percentagem de lugares de responsabilidade terem sido atribuídos por mérito e por currículo, coisa rara naquela altura. Na Administração havia, como era normal, um misto de profissionais de alto nível. Castro Caldas era o administrador delegado. Os restantes membros eram Alves da Silva, Pedro Cabo Fernandes, Albano Homem de Melo, Daniel Barbosa e João Antunes Varela, antigos ministros respectivamente da Economia e da Justiça. A Total, que detinha 13% do capital da Sonap, tinha dois representantes no Conselho de Administração

não executivos. Um deles B. de Varax terá, uns anos depois, muitos contactos com Patrick no *trading* de petróleos.

A empresa era uma referência no sector com uma política social avançada e, a partir de 1973, passou a haver uma participação do pessoal nos lucros.

Como era fluente em inglês e francês, Patrick ficou rapidamente com a responsabilidade dos negócios internacionais. Começou a viajar com Manuel Bulhosa para Paris, Londres e Nova Iorque para negociar as compras de crude aos principais fornecedores, a Total, a Exxon e a Texaco. Nessas deslocações também reuniam com armadores e *brokers* de navios-tanque que abasteciam a Sonap e as empresas em África. Eram os grandes magnatas gregos da marinha mercante, como George Livanos, Vardis Vardinoyannis, Stravos Niarchos e Aristóteles Onassis.

Estas viagens causavam alguns ciúmes entre os administradores, com excepção do director-geral, Alves da Silva, com quem se entendia muito bem. Ao fim de pouco tempo começou a dar cartas e a ser conhecido na casa por uma pessoa que tomava decisões sem ter que sistematicamente procurar uma chancela superior, seguindo o lema favorito de Bulhosa: «Mais vale errar do que não decidir.»

Por brincadeira alguns colaboradores diziam que as iniciais do seu nome, «PMB», tinham um outro significado: «o Próximo Manuel Bulhosa». É certo que a sua independência financeira lhe permitia essa postura, mas Patrick era respeitado pelos subordinados e almoçava frequentemente com eles.

A Sonap era um *outsider* a nível nacional pois a Sacor, fundada em 1938 por Martin Sain, um romeno de origem judaica que chegara a Portugal na década de 1930, tinha o monopólio da refinação em Portugal. A companhia, controlada pelo Estado, tinha como accionistas a família Sain, o Banco Espírito Santo e a Total.

Em 1965, a Sacor e a Sonap tinham acordado uma participação recíproca (a Sacor detinha 20% do capital da Sonap, e esta 7% da

Sacor) e também um contrato de *processing* dos crudes comprados pela Sonap e refinados nas unidades da Sacor.

Bulhosa ambicionava construir uma refinaria em Portugal mas Salazar não queria alterar o *statu quo*. Com a subida ao poder de Marcello Caetano, com quem tinha excelentes relações (dois dos seus irmãos eram funcionários da Sonap de longa data), o empresário galego esperava ver realizado o seu desejo.

O governo constituiu um grupo de trabalho liderado pelo director-geral de Combustíveis, engenheiro Moura Vicente, para a programação de novos centros produtores de energia, onde Patrick era um dos representantes da Sonap. A conclusão do grupo foi que Portugal necessitava de uma nova refinaria no Sul do país, a ampliação da unidade do Porto e de complexos de petroquímica de olefinas e aromáticos. O plano é aprovado em Outubro de 1970 e em 1971 é lançado o concurso para a nova refinaria que iria pôr termo ao monopólio da Sacor.

O grupo de trabalho da Sonap para a elaboração da proposta é coordenado por Nunes Rodrigues, excelente economista e financeiro, por Patrick e pelo engenheiro Jorge Versneider Gonçalves, que era o responsável pela refinaria de Lourenço Marques, considerado internacionalmente um *expert* na matéria.

As propostas estavam em fase adiantada quando Bulhosa chama Patrick a sua casa durante um fim-de-semana. Com um ar sombrio informa-o de que, por pressão de Marcello Caetano, tinha sido obrigado a associar-se ao Grupo CUF, que era outro candidato.

Em Julho de 1971, o Conselho de Ministros aprova a adjudicação «em princípio» da nova refinaria e a indústria petroquímica de olefinas ao grupo constituído pela Sonap e pela CUF.

Depois de longas negociações chega-se a um acordo que previa que a CUF entraria como accionista da Sonap, ficando com 25% do capital. Os restantes accionistas seriam a Sacor com 11%, a Gul-

benkian que comprara a posição da Total com 13,2%, Manuel Bulhosa com 30,8% e o Estado com 20%.

A Sonap seria a accionista maioritária da nova refinaria – a Petrosul – cuja construção seria em Sines e a CUF teria a posição inversa na nova petroquímica da CNP (Companhia Nacional de Petroquímica), também localizada em Sines. O projecto inicial da Sonap previa a construção da nova refinaria em Águas de Moura, mas o Governo tinha optado por Sines por querer dotar o país com um novo pólo industrial de grande dimensão e um porto capaz de receber navios-tanque de grande porte.

Em Marco de 1972 é constituída a Petrosul e o Estado recebe 34% gratuitamente. Patrick é chamado para fazer parte da *task force* que vai coordenar os concursos para a construção das novas unidades que serão adjudicadas ao consórcio Procon-Technip em Março de 1972.

Mesmo com todo este volume de trabalho, continua a navegar em Finn e, como secretário nacional da Classe, consegue incrementar de forma significativa a modalidade em Portugal. Em 1970 organiza o Campeonato do Mundo, a Finn Gold Cup em Cascais com uma participação recorde de 160 embarcações de 34 países, o que lhe valeu ser eleito para vice-presidente mundial da Classe. O seu principal adversário era o José Manuel Quina, um velejador de grande nível (medalha de prata em Star, 1960) vencedor de vários campeonatos nacionais. Neste mesmo ano de 1972, Patrick adquire um barco novo com um mastro revolucionário em alumínio e consegue ficar à frente de Quina numa prova internacional em França.

Porém, as suas responsabilidades profissionais na Sonap obrigam-no (mais uma vez...) a desistir das selecções finais para os Jogos Olímpicos de Munique e nem sequer pode aceitar a proposta da Federação de ir como suplente ou chefe de equipa. José Quina terá uma excelente prestação em Kiel.

Na Sonap, a conselho de Pedro Cabo Fernandes, administrador responsável pela área dos recursos humanos, são contratados quatro quadros superiores que ficam com a alcunha de «os quatro magníficos». Eram eles, o João Bartolo que vai para Moçambique, o Figueira Ferraz para o Marketing, o Raúl Santana Coelho para a África do Sul e o Ganhão Pereira para os Recursos Humanos, tendo em conta as vastas necessidades de recrutamento previstas com a nova refinaria e petroquímica.

Em África, Manuel Bulhosa tinha criado um grupo importante. Em Moçambique detinha a refinaria de Lourenço Marques (Sona-rep) com uma participação minoritária da Total e a distribuidora Sonapmoc que era líder do mercado, com instalações de armazenagem e distribuição na Beira, Nacala, Porto Amélia, Tete e Nampula. A Sonapmoc abastecia as Forças Armadas e também detinha uma distribuidora na África do Sul com 10% de quota de mercado e distribuidoras na Swazilândia e no Malawi.

A confidencialidade dos carregamentos para a Rodésia e posteriormente para a África do Sul, exigia que os títulos de propriedade da carga ficassem na posse do armador em vez de seguirem a bordo, pois havia o risco de o petroleiro ser arrestado pela Armada britânica com mandado das Nações Unidas. Era arriscado, mas na altura Patrick já tinha uma relação de total confiança com George Livanos, um dos maiores armadores gregos. As irmãs de George tinham sido em tempo casadas com outros dois gigantes da marinha mercante, Stravos Niarchos e Aristóteles Onassis. Livanos está hoje reformado mas Patrick, sempre que vai à Grécia, visita-o na sua ilha de Coronis.

Jorge Jardim, homem da confiança de Salazar fora administrador do grupo Sonap em Moçambique e tinha exercido uma acção relevante, quer a nível provincial quer nos países limítrofes, onde criara uma teia de ligações políticas, económicas e financeiras. Com uma acção notável no campo da diplomacia paralela, reportava di-

recta e exclusivamente a Salazar e a Sonap custeava uma parte importante das despesas dessa actividade.

Numa das muitas viagens que realizaram juntos, Jardim contou-lhe que um dia Salazar lhe perguntou que tipo de pessoa era o presidente do Malawi, Kamuzu Banda, a quem precisava de enviar uma missiva da maior confidencialidade. A resposta foi curta: «É igual ao senhor mas é preto!»

Em fins de 1969 Bulhosa e Patrick encontram-se, a pedido do governo português, com o primeiro-ministro da Rodésia, Ian Smith, que declarara em 1965 a independência unilateral de modo a que a população branca se mantivesse no poder. Neste encontro é acertado um novo *modus operandi* e pormenores do abastecimento petrolífero. O embargo decretado pelas Nações Unidas e o fecho do *pipeline* que ligava a Beira a Umtali na Rodésia estavam a complicar a situação. As *majors* que operavam na África do Sul tinham reduzido substancialmente as suas entregas de combustíveis na fronteira com a Rodésia.

Nesta altura, conhece George Atmore, homem de confiança de Ian Smith e responsável pelas compras de combustíveis. Até 1975 são frequentes os seus encontros na Suíça, onde se fazem contas dos refinados provenientes do golfo Pérsico e de Lourenço Marques fornecidos pela InterOil, empresa controlada por Manuel Bulhosa.

Com a saída de Jorge Jardim em 1968, a responsabilidade do Grupo em Moçambique passa para Frederico Monteiro da Silva, um ex-quadro superior da Total, homem de altos valores humanos e um apaixonado por Moçambique. Ao longo dos anos seguintes, para além da relação profissional, Patrick e Frederico desenvolvem uma boa amizade, que se reforça ainda mais depois da sua nomeação como administrador do Grupo com a responsabilidade da coordenação das empresas africanas.

No dia da tomada de posse no Conselho de Administração, Albano Homem de Melo, o administrador mais sénior, diz no seu discurso:

— A nomeação de Patrick traz tanta juventude, que quase me sinto num jardim infantil...

Algo perplexo sobre o verdadeiro significado desta frase, Patrick responde por sua vez:

— Fazer parte deste Conselho confirma que em terra de cegos quem tem olho é rei!

### **Os primeiros tempos em Moçambique**

A partir de 1970, Patrick visita com frequência Lourenço Marques e realiza périplos aéreos com Monteiro da Silva por todas as instalações na província, inclusive as mais longínquas, situadas em zonas de combate como Mueda, Nangade, Mocimboa do Rovuma, Palma, Tete e outras. Procura acompanhar a marcha da empresa e avaliar no terreno a situação económica e social da província.

Esta sua actividade causa alguma admiração nos meios empresariais e entidades oficiais, pois não era normal nos «administradores do cacimbo», nome dado pelos locais aos colegas da Metrópole, que só visitavam Moçambique na época menos quente e que raramente saíam de Lourenço Marques a não ser, alguns deles, para visitar a Gorongosa, uma das mais bonitas reservas naturais do continente africano.

Sempre que as idas coincidiam com as férias de Verão, Arlette e Pascal também iam com ele. Visitavam várias vezes a África do Sul, Rodésia e Suazilândia, descobrindo uma África Oriental pouco conhecida.

Sempre que podia, Patrick navegava à vela em Finn, no Clube Marítimo, onde em 1973 um grande velejador português, Rui Moreira (pai do actual presidente da Câmara Municipal do Porto) organizou um campeonato mundial da classe Vauriens com imenso sucesso. A Sonapmoc fora um dos patrocinadores do iate *Adamastor*

que participara na regata Capetown-Rio com o comandante Rosa Coutinho, então capitão do porto da Beira.

Poucos dias antes da largada da regata, Rosa Coutinho enviou um telex a Patrick para Lisboa. Pedia-lhe o favor de meter uma cunha ao «nosso bom e querido amigo» almirante Tenreiro, então presidente da Federação de Vela, para que fosse despachado o seu pedido de licença. Anos mais tarde, Rosa Coutinho, graduado em almirante e membro importante do MFA, pedia a prisão de Tenreiro, acusando-o de ter enriquecido indevidamente no sector das Pescas... Quando foi julgado ficou provado que isto não era verdade.

Embora houvesse melhorias importantes na vida de Moçambique nos últimos anos, uma grande parte da população vivia ainda numa economia de subsistência apesar dos esforços no campo da educação primária, assistência médica e infra-estruturas.

Numa cerimónia em Vila Cabral, o presidente da Câmara, um opositorista metropolitano que tinha ido para Moçambique fazer uma nova vida, refere num discurso: «Senhor governador, deveríamos fazer uma estátua ao guerrilheiro da Frelimo porque foi preciso ele aparecer para a metrópole nos ligar alguma coisa!»

Nas suas deslocações por Moçambique, Patrick verifica que apesar do êxito da Operação Nó Górdio, desencadeada em 1970 sob as ordens de Kaulza de Arriaga, a situação militar estava pouco a pouco a deteriorar-se.

Em 1971, numa reunião em Pretória com oficiais sul-africanos e rodesianos que analisavam o problema do abastecimento petrolífero, Hendrik Van den Berg, chefe da BOSS, a secreta sul-africana, afirma:

«Quando a Guerra do Vietname acabar, os soviéticos vão meter na África Austral armamento sofisticado para os combatentes dos movimentos de libertação além de lhes darem apurada formação militar. Os próximos anos vão ser muito duros. A província de Moçambique vai passar por momentos difíceis e a seguir será a Rodé-

sial» No final do encontro, Patrick vira-se para ele e acrescenta: «e depois será a vossa vez se continuarem com a política de *apartheid*!»

A Frelimo abre uma segunda frente de combate em Tete com o objectivo de dividir Moçambique ao meio e dificultar a construção da barragem de Cahora Bassa. Em Portugal, Marcello Caetano tenta uma reforma do quadro político das colónias (províncias ultramarinas desde 1951) na revisão da Lei Orgânica do Ultramar de 1972, com a criação de uma assembleia territorial em cada província.

Já em 1969, numa visita a Moçambique, tinha feito um discurso afirmando que o futuro passava por uma «autonomia progressiva e determinada». Essas frases foram recebidas com aclamação na província e serviram posteriormente de ponto de partida a uma série de conversas com o presidente da Costa do Marfim, Houphouët-Boigny, que no passado já tinha tido contactos com o embaixador de Portugal em Paris, Marcello Mathias e posteriormente com os presidentes Kamuzu Banda do Malawi e Kenneth Kaunda da Zâmbia, graças à acção de Jorge Jardim.

Contudo, a ala política conservadora do Regime e os sectores integracionistas, que encontravam apoio no presidente da República, resistiam a estas pressões reformistas. Assim foram dados alguns passos com o objectivo de amortecer a iniciativa do presidente do Conselho que não quis ou não soube impor as suas ideias.

Marcello Caetano perguntou um dia a Patrick o que pensava daquele projecto. Patrick responde com convicção que o projecto «só terá êxito com três condições: uma relativa autonomia orçamental e cambial, os representantes serem naturais da província ou terem um mínimo de dez anos de residência permanente e serem eleitos por uma larga percentagem da população e, finalmente, a sede do governo central rodar periodicamente entre Angola, Moçambique e a Metrópole». O presidente do Conselho diz-lhe que teoricamente tinha razão mas politicamente era impossível já que «os ultras nunca aceitariam» e que «os velhos do Restelo não querem sair do Restelo!»

No final de 1971, Bulhosa já não pode contar com a organização da Sonap para acompanhar a marcha das suas empresas em África (que não tinham participações cruzadas) devido à entrada da CUF e outros accionistas na companhia. Decide então criar uma unidade de gestão, a Sonacin. Deixa o seu gabinete da Rua Tomás Ribeiro em Lisboa e muda-se para o edifício Aviz, com armas e bagagens, acompanhado por Peregrina Caetano, sua dedicada assistente. Peregrina era sua parente e casada com Manuel Caetano, irmão do presidente do Conselho, que além de responsável da publicidade da Sonap, era também locutor da RTP. Peregrina Caetano era na realidade a chefe de gabinete de Bulhosa, que ouvia as suas opiniões com frequência.

Todas as manhãs Manuel Bulhosa era um dos primeiros a chegar ao Aviz e manifestava o seu contentamento com a marcha da nova unidade que baptizara de «A Loja». Para uma maior funcionalidade tinha-se optado por um *open space* em vez de gabinetes individuais. «Isto lembra-me os bons velhos tempos da Rua Dom João V, a primeira sede da Sonap», comentava.

Para assumir a gestão da área dos petróleos convidou Patrick que já tinha apanhado o «bichinho» do mundo dos negócios petrolíferos e não encarava regressar à monótona Fundação da família. Montou-se uma estrutura muito leve com poucos quadros e uma organização descentralizada. Sem grandes problemas, Patrick consegue uma licença sem vencimento da Sonap para ele e para o José Outerelo, um autêntico «mouro de trabalho», e o Manuel Bulhosa sugere-lhe a admissão de uma parente sua para assistente, a Maria de Lurdes que se viria a revelar uma colaboradora fora de série.

Em Julho de 1973 Marcello Caetano vai em visita oficial a Londres, quando rebenta a notícia que uma companhia de comandos portugueses teria cometido um massacre de civis num aldeia moçambicana chamada Wiriamu. Por causa disso, Portugal é objecto de uma violenta campanha mediática e política.

Numa reunião com Silva Cunha, ministro do Ultramar, Patrick aborda o assunto e recomenda que se faça um inquérito rigoroso; se o caso for verdade há que aplicar sanções disciplinares exemplares. Para ele o país não pode cometer crimes de guerra deste tipo. Silva Cunha fica muito incomodado e responde:

— Senhor doutor, isto não é assunto da sua competência!

Segue-se uma discussão tensa onde Patrick afirma:

— Veja o que se passou nos EUA com o massacre de My Lai no Vietname!

— Não é a mesma situação! — responde de imediato Silva Cunha.

— Pois não, os EUA são uma democracia, nós somos uma ditadura!

Passados uns dias, Bulhosa informa Patrick que tinha almoçado com Silva Cunha e que este tinha sugerido que Patrick deixasse de acompanhar as empresas em Moçambique. O empresário tinha respondido que mantinha a sua total confiança o que levou o ministro a afirmar:

— Depois não se queixe!

Em Novembro de 1973, numa remodelação ministerial Silva Cunha vai para ministro da Defesa e Baltazar Rebelo de Sousa assume a pasta do Ultramar.

Patrick tem uma reunião com o novo ministro, homem inteligente, grande trabalhador, que tinha já sido governador da província de 1968 a 1970, onde teve uma actuação notável, e que por isso conhecia bem Moçambique. A agenda da reunião tinha que ver com as dificuldades administrativas, que eram levantadas pelo serviço de alfândega e finanças provinciais, em relação à importação temporária de refinados que seguiam depois para a Rodésia. Em poucos minutos, o ministro percebeu o problema e comprometeu-se a tratar do assunto com celeridade. Passados uns dias, o director-geral da Sonarep, Eugénio Carvalho, informou que já estava tudo resolvido.

## Um problema com a PIDE/DGS

Antes de se mudar para a Sonacin, Patrick viu-se um dia confrontado com uma situação muito complicada: um quadro superior de uma das instalações onde estagiara e com o qual mantivera boas relações informa-o que identificou um funcionário que era agente da DGS, a Direcção-Geral de Segurança, a nova denominação da velha Pide. Na semana anterior, por indicação desse homem, tinham sido presos quatro operários.

No dia seguinte, decide chamar o dito funcionário e confrontá-lo com provas. Sem esconder a sua indignação, Patrick comunica-lhe que está despedido. O agente da DGS reage violentamente e ameaça: «Você ainda vai parar a Caxias!» Um contínuo acaba por pôr o indivíduo na rua.

Passada meia hora, o administrador-delegado, Castro Caldas, entra no seu gabinete e comenta: «Isto vai dar chatices!» A seguir, Manuel Bulhosa liga-lhe de Paris para lhe dar razão: «Fez muito bem! Não gosto nada desses tipos!»

Dois dias depois, Patrick recebe em casa uma convocatória para comparecer na sede da DGS, na Rua António Maria Cardoso no Chiado. Nessa noite janta com uns amigos entre os quais, o diplomata João Pequito, conhecido opositor desde os estudos universitários e que tivera problemas no passado com a Pide. Este confia-lhe, «para eles te convocarem por carta é porque não estão à vontade».

No dia e hora marcada comparece na sede da Direcção-Geral de Segurança. Depois de esperar mais de uma hora entra no gabinete do director-geral, Silva Pais, onde também se encontrava o seu adjunto, Barbieri Cardoso. Sem os cumprimentos da praxe, Silva Pais lança num tom desagradável:

- O senhor entende o que fez?
- Do que é que está a falar?

— O senhor despediu o senhor António Santos (nome fictício)?

— É vosso funcionário?

— Sim. É nosso inspector superior.

— E pago? — questiona Patrick.

— Claro.

— Então é despedido com justa causa porque o regulamento da companhia não permite a um funcionário ter um outro emprego remunerado sem o acordo da direcção da empresa.

— Está a brincar comigo? — pergunta indignado Silva Pais.

— Não e acima de tudo o senhor deve-me um favor porque a partir do momento em que um agente secreto deixa de ser secreto não serve para nada. É para ir para o lixo. Portanto resolvi-lhe um problema. Se fosse na União Soviética o KGB liquidava-o, aqui não sei!

Faz-se um profundo silêncio no gabinete. Segundos depois, Silva Pais, nitidamente indisposto, remata a conversa, «o senhor pode retirar-se e espero não ter que o convocar novamente». O episódio é motivo de conversa na Sonap e Patrick recebe várias demonstrações discretas de apoio, principalmente por parte de empregados subalternos.

Com a necessidade de reforçar o seu grupo, Bulhosa pretendia adquirir um banco e tinha como objectivo o Crédito Predial. Para o efeito, recrutou uma equipa do BPA, Banco Português do Atlântico, liderada por Vasco Vieira de Almeida, Rui Vilar, Carlos Monjardino e Francisco Veloso. Era suposto o Vasco Vieira de Almeida participar nos conselhos de Administração da Sonarep mas este deu rapidamente a entender que não queria nada com o Ultramar, que apenas se preocupava com o *dossier* do banco. Apesar de também ter um gabinete na Sonacin, desmarcava reuniões com Patrick à última hora e até uma viagem programada a Lourenço Marques, o que provocou algum mal-estar entre eles.

Ainda no BPA, Vieira de Almeida tinha feito uma operação brilhante na Sacor com a compra das acções da CFP e posterior associação com o Banco Espírito Santo e a Fundação Gulbenkian, o que tinha permitido aos accionistas privados passarem a ter uma voz importante no Conselho de Administração, cuja comissão executiva era presidida por Alfredo Nobre da Costa.

Nessa altura, Mário Soares regressa a Portugal depois de oito meses de residência fixa em São Tomé e Príncipe, na condição de não ter qualquer actividade política. Passado pouco tempo, Soares não cumpre o prometido e Marcello decide não o deixar regressar a Portugal. Soares vai primeiro para Itália, mas depois opta por Paris.

Manuel Bulhosa conta que recebera um telefonema do ministro do Interior, César Moreira Batista, a pedir-lhe que Mário Soares fosse consultor jurídico no seu banco em Paris, o Banque Franco-Portugaise d'Outre-Mer, o mesmo que tinha financiado o tal jogo de futebol com o Benfica. O director-geral era o Carlos Monjardino, amigo de longa data de Soares.

### ***No money money, no fucky fucky!***

No dia 8 de Outubro de 1973, no meio de uma reunião da Soponata, Patrick recebe um recado para ir ter urgentemente com Manuel Bulhosa ao Palácio de São Bento. No encontro com Marcello Caetano estão presentes o ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício, e o presidente da Sacor. Marcello explica que recebeu na véspera um telex do presidente Richard Nixon a informar que os Estados Unidos pretendiam utilizar a Base das Lajes nos Açores para o reabastecimento dos aviões americanos a caminho de Israel com material de guerra para substituir as perdas sofridas nos combates.

Dias antes tinha estalado mais um conflito militar entre Israel e vários países árabes, a Guerra do Yom Kippur, mas desta vez as hos-

tilidades prometiam durar. Os israelitas estavam numa posição crítica e necessitavam com a maior urgência de ser reabastecidos. A situação era de tal forma dramática que Israel encarava a possibilidade de usar armas atómicas. O general Moshe Dayan tinha tido luz verde de Golda Meir, chefe do Governo israelita, para armar os seus mísseis nucleares que seriam utilizados como último recurso para evitar uma derrota.

Os Estados Unidos já tinham estabelecido contactos com o Reino Unido, a França, a Itália e a Espanha para utilizar as suas bases aéreas, mas todos tinham recusado por recearem um embargo petrolífero dos países árabes.

O telex de Nixon era quase um ultimato a Portugal. Manuel Bulhosa diz que tinha falado com o presidente da Total e que este lhe confirmara que o embargo seria contra quem apoiasse os Estados Unidos e Israel. A dado momento da reunião, o empresário pede-lhe que os informe sobre a situação dos *stocks*. Na metrópole o problema não existia de imediato. Por lei estavam garantidas reservas para 120 dias e podia-se, nos termos da concessão da Gulf, exigir que o crude de Cabinda viesse para Portugal. (A propósito do petróleo de Cabinda, constava que, quando fora informado da sua descoberta em 1967, Salazar teria exclamado: «Só nos faltava mais esta!»)

Já em Moçambique e na África Austral a situação era mais preocupante. Os *stocks* eram inferiores e o abastecimento dependia exclusivamente do golfo Pérsico. Além disso, o custo iria ser muito elevado. O país consumia 200 000 barris por dia (bdp), se a diferença entre o preço do mercado *spot* e o preço de contrato fosse de 10 dólares (veio a atingir os 15 dólares semanas depois) equivalia a 2 milhões por dia, 60 por mês, 180 por trimestre.

Tendo estes dados em consideração, Bulhosa afirma, «se o Governo português aceder ao pedido dos americanos eles têm que pagar o sobrecusto e há que pedir uma garantia bancária».

O ministro dos Negócios Estrangeiros defende que é importante para Portugal poder contar com apoio dos Estados Unidos em

relação à política ultramarina, nomeadamente nas Nações Unidas onde se preparava um grande ofensiva diplomática contra o país com o massacre de Wiriamu na agenda dos debates. E conclui, arrogante: «A diplomacia do país não é um negócio de carvoaria!», numa alusão ao facto de o pai de Manuel Bulhosa, emigrante de origem galega, ter começado a sua vida numa carvoaria em Lisboa, onde se vendia carvão, petróleo iluminante e vinho a granel, actividade frequente na comunidade galega.

Naquele momento constrangedor, Patrick decide intervir:

— Não é certamente um negócio de carvão mas aplica-se a regra do Texas Bar!

A frase cai como uma bomba. Perplexo, Marcello Caetano pergunta do que é que ele está a falar e Patrick explica que o Texas Bar é um cabaré muito conhecido da zona do Cais do Sodré, frequentado pelos marinheiros norte-americanos que faziam escala frequentemente em Lisboa.

— E então? — pergunta o presidente.

— É muito simples, no Texas Bar as «meninas» têm uma regra sagrada: *No money money, no fucky fucky!*

Sem saber que atitude tomar, o presidente dá por encerrada a reunião. No automóvel de regresso à Sonap, Manuel Bulhosa que não era um homem de grandes brincadeiras, diz com um largo sorriso, «essa do Texas Bar foi muito boa!».

O país permitiu a utilização da Base das Lajes sem exigir nada em troca e no dia seguinte o presidente Nixon ordenou a Operação Nickel Grass com uma ponte aérea de aviões *Galaxy* e *Starlifter* da força aérea norte-americana.

Passados alguns dias os países árabes, com excepção do Irão, decretaram um embargo a Portugal. Na sequência do conflito e do embargo da Opec, o barril de petróleo *arab light* passa de 1,80 dólares em 1970 para 11,6 dólares em Novembro de 1973.

## O aristocrata francês

Nos dias seguintes Patrick inicia uma ronda para conseguir alternativas. A preços exorbitantes, compra umas cargas de crude da Nigéria já carregadas e refinados de Curaçau. Alguns dias depois, Bulhosa pede-lhe que se desloque a Paris para se encontrar com uma pessoa que lhe fora recomendada por um amigo de toda a confiança.

O objectivo era conseguir crude do Irão, o único país da Opec, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, que não aplicava o embargo à letra.

Na capital francesa encontra-se com um aristocrata francês de maneiras requintadas. A nobre criatura, que nada percebe de petróleos, diz de forma convincente que é capaz de conseguir um contrato a prazo no Irão ao preço oficial, o que equivaleria a uma pechincha naquela altura. Sem mostrar grande convicção, Patrick responde: «Então veja se consegue 60 000 barris por dia, metade leve, metade pesado. Tem uma semana!»

Poucos dias depois, o aristocrata pede-lhe que volte a Paris, preparado para uma viagem de 48 horas a Teerão. Tinha conseguido não 60 000, mas 80 000 barris. Com algum espanto, Patrick pergunta-lhe qual será o seu *fee* e ele simplesmente responde, «deixo isso ao seu critério». A oferta foi de dois dólares por barril ou 10% da diferença entre o *spot* e o oficial.

Tudo aquilo parecia demasiado estranho. A enigmática viagem estava em marcha. No aeroporto Le Bourget embarca sozinho num Falcon 20 da Força Aérea Iraniana. Depois de uma escala em Atenas, aterra numa base militar em Teerão e é conduzido a um luxuoso palacete.

Na manhã seguinte faz a sua mala por sugestão de um criado e é levado para a sede da Nioc (National Iranian Oil Company), a companhia estatal de petróleos iraniana. Sob escolta armada é con-

duzido até ao último andar para o gabinete do presidente Hunshang Ansary. Depois de um chá de boas-vindas, propõe assinar dois contratos de crude. Um dos quadros chama a atenção para o facto de a Sonap poder nomear outra entidade como compradora, desde que fosse um refinador, que tem cinco dias úteis para abrir uma carta de crédito irrevogável emitida num banco de primeira linha.

No momento da despedida, o presidente da Nioc, segreda-lhe, «O senhor tem a sorte de ter grandes amigos no Irão!» Tudo fica resolvido em menos de meia hora. Regressa à mesma base militar e reembarca num outro Falcon de regresso a Paris. O episódio continua bizarro já que, para sua surpresa, o aristocrata francês pede-lhe o favor de lhe indicar um banco na Suíça para receber o seu *fee*, pois dizia ele: *Je n'ai aucune expérience des affaires!* (Não tenho nenhuma experiência de negócios!)

Sem qualquer contrato assinado, o acordo vigorou até Março de 1975 sem problemas. O negócio, com lucros elevados, foi atribuído à Interoil e gerido com a Total desde uma unidade especial que operava em Genebra. O transporte marítimo do crude ficou a cargo da companhia de George Livanos.

Ao tentar saber mais sobre o aristocrata, Patrick descobriu que ele era um professor de arte e amigo de infância de Madame Claude, uma senhora que geria a mais prestigiada agência de *escorts* de luxo em Paris. Um dos seus principais clientes era o xá Reza Pahlavi do Irão. As acompanhantes também viajavam de Falcon até Teerão e ficavam hospedadas no mesmo palacete onde ele tinha pernoitado.

### **Confrontação com a Exxon**

A Sonap comprava crude à Exxon e, logo a seguir à declaração do embargo, a companhia americana enviou um telex informando que suspendia as entregas de crude por motivos de força maior.

Passados uns dias, a Exxon solicitou o abastecimento a vários navios da armada americana que rumavam ao Golfo. Os serviços tinham confirmado o abastecimento sem consultar a administração. Bulhosa, que seguia de perto a situação, chama Patrick e encarrega-o de informar que o abastecimento não pode ser efectuado por motivos de força maior.

O seu interlocutor na Exxon, Earl Smith, fica muito preocupado e sugere que vá a Nova Iorque pois ele não tem capacidade para resolver o assunto.

No dia seguinte à sua chegada, Patrick dirige-se à sede da Exxon na 6.<sup>a</sup> Avenida e com a maior das surpresas reúne com o presidente Clifton Garvin.

— Onde está o senhor Bulhosa, não consigo falar com ele?

— Não faço ideia — responde Patrick.

De seguida explica que as autoridades portuguesas não vão permitir o abastecimento de *fuel oil*, quando a mesma companhia tinha declarado motivos de força maior para suspender as entregas de crude.

— Qual é o preço que vocês querem?

— O preço será sempre o do contrato, mas a Exxon tem que nos dar dois carregamentos de crude também ao preço do contrato. (O mercado *spot* estava 12 dólares por barril mais caro.)

— *This is nothing but blackmail!* — afirma o presidente.

— É uma questão de vocabulário.

O presidente da Exxon fica furioso, dá por terminada a reunião e informa que Earl Smith vai receber instruções. No momento em que Patrick estende a mão para se despedir, Garvin vira-lhe as costas.

— Nunca vi o *Big Boss* tão maldisposto! — comenta Earl.

Passado uma hora, Earl Smith reúne com ele e acerta a entrega dos carregamentos de crude. Verificou-se mais tarde que os navios tinham carregado na Arábia Saudita depois da declaração do embargo, mas tinham permanecido ancorados à espera de ordens.

## **Crepúsculo no ultramar**

Em Janeiro de 1974, Monteiro da Silva vem a Lisboa e relata que a situação militar em Moçambique estava a ficar muito complicada. As colunas de reabastecimento tinham dificuldades cada vez maiores em chegar aos aquartelamentos no mato. A Frelimo abriu uma nova frente na zona de Vila Pery, Chimoio e na fronteira com a Rodésia. A Sonap tinha construído em Machipanda uma das maiores estações de serviço do mundo onde um terço dos rodésianos se abastecia.

Os combates na ZOT – Zona Operacional de Tete – que protegia a construção da barragem de Cahora Bassa eram cada vez mais violentos.

Os colonos e os fazendeiros brancos tinham-se deslocado à Beira para serem recebidos pelo governador da província e pelo comandante militar. A audiência foi negada e, quando descobriram que as altas patentes estavam num casamento no clube militar, ficaram furiosos. Sem aviso prévio, invadiram a cerimónia, insultaram os oficiais e chegaram mesmo a vias de facto. Estes acontecimentos e a sua exploração foram muito relevantes para a agenda política do MFA, em especial para os elementos esquerdistas. Estava assente que, caso a guerra acabasse mal, os militares de carreira seriam os bodes expiatórios dos erros da política do governo de Marcello Caetano.

Por estes dias, Patrick almoça no Grémio Literário em Lisboa com o general António de Spínola que tinha regressado da Guiné, onde fora governador e comandante-chefe, e com António (Pumba) de Herédia, seu grande companheiro de vela e que fora oficial às ordens do general em Bissau. O general era casado com uma parente sua, filha do general Monteiro de Barros que fora governador militar de Lisboa na década de 1930. Neste almoço, que se estende até às cinco da tarde, ouve que a situação militar na

Guiné estava gravíssima. O PAIGC montara bases no Senegal e na Guiné Conacri e já dispunha de mísseis Strella (SAM 7) e abateria vários aviões.

A 24 de Setembro de 1973, o PAIGC reunido na sua primeira Assembleia Nacional em Madina do Boé declara a independência unilateral da Guiné.

O general Spínola defendia a teoria de que não se podia continuar naquele caminho perigoso. Tinha na sua posse informações de que havia um grande mal-estar entre os oficiais das Forças Armadas. Estavam cansados de uma guerra que não tinha fim à vista e, além disso, não aceitavam as disposições de uma lei recente que dava aos oficiais milicianos a possibilidade de integrarem o Quadro Permanente através do QEO – Quadro Especial de Oficiais – ultrapassando em alguns casos promoções por distinção e oficiais mais antigos. Na sua opinião havia pouco tempo para evitar o colapso, era fundamental que houvesse uma mudança de política e que a questão ultramarina passasse forçosamente pelo direito à autodeterminação.

Não chega ao ponto de mencionar a palavra independência, mas revela que estava a acabar o livro *Portugal e o Futuro*, uma obra depois considerada por muitos historiadores como o princípio do fim do regime. Ainda falando dos oficiais militares, confidencia, «há uns que estão fartos, mas é gente séria e corajosa que aguenta tudo se virem uma estratégia que faça sentido para resolver a questão; mas há um grupo de comunas que quer tomar posse do país e que está a aproveitar o descontentamento dos capitães».

Numa viagem a Moçambique e à África do Sul, Patrick encontra no avião um ex-colega do Liceu Francês. Um alferes miliciano que regressava a Moçambique depois de uma licença na metrópole. A licença acabou por ser encurtada por estar baseado no aquartelamento de Nangade. A falta de meios aéreos militares tinha-lhe feito perder dias preciosos até conseguir uma boleia até

Mueda num pequeno avião de observação Dornier e depois num velho Noratlas até à Beira, onde teve que comprar do seu bolso uma passagem na TAP por ter perdido o lugar no Boeing 707 da Força Aérea Portuguesa.

Durante o longo voo o alferes conta-lhe que Nangade é apenas reabastecido duas vezes por ano por colunas vindas de Mocimboa da Praia ou Mueda, que chegam a levar três semanas. Era preciso picar estradas ao longo de centenas de quilómetros para detectar minas. A base era frequentemente bombardeada com morteiros desde a Tanzânia, e as saídas para o mato eram cada vez menos frequentes devido ao receio de emboscadas. Sem esconder a sua preocupação, confia-lhe que a moral das tropas está em baixo e alguns dos capitães falam abertamente de um golpe militar.

O panorama traçado pelo seu amigo foi-lhe depois confirmado em Pretória quando jantou com Jorge Jardim. Em Setembro de 1973, num encontro em Lusaca tinha conseguido um protocolo com o presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia. Este documento, intitulado *Zambia's views on trends in Portuguese African territories* era muito completo e oferecia uma mediação da Zâmbia com os movimentos nacionalistas. O documento enumerava uma série de pontos que visavam a defesa dos interesses de Portugal depois da independência, com a manutenção da cultura e da língua portuguesa.

No fundo, era a criação de uma *Commonwealth* luso-africana. Em privado, o presidente Kenneth Kaunda dizia que aceitaria um calendário idêntico ao que acabava de ser proposto a Ian Smith para a Rodésia e que contemplava um prazo de 25 anos. Jorge Jardim mostrava-se desolado com Marcello Caetano que não queria ou não podia dar seguimento a esta possibilidade. Estava cada vez mais encurralado pelos «ultras» que impuseram que o almirante Américo Thomaz fosse reeleito como presidente da República por mais um mandato.

Numa reunião restrita em Pretória estão presentes o ministro da Defesa sul-africano, P.W. Botha, o ministro da Energia, o comandante-chefe da Rodésia, o brigadeiro general Walls e os CEO das petrolíferas Sasol, Trek, Mobil, Shell, Caltex, BP, Sonap e Total. O tema é novamente a problemática do abastecimento petrolífero, já que o embargo à África do Sul estava a apertar cada vez mais. O governo sul-africano realizara grandes investimentos na Sasol e produzia gasolinas e gasóleos a partir do carvão, que era abundante no país, mas não suficiente para satisfazer as necessidades.

É fixado um programa de trabalhos com vista a aumentar as reservas e a capacidade das instalações nos portos de Moçambique e a reforçar a segurança no corredor de Tete e da Beira que, segundo as informações dos serviços secretos, iriam ser alvo de uma ofensiva por parte da Frelimo em Moçambique e da Zanu na Rodésia.

As reuniões sucedem-se a um ritmo frenético. Em Joanesburgo, Patrick reúne com Raúl Santana Coelho, presidente da Homegaz, uma empresa com cerca de 20% do mercado de gás butano engarrafado. Ao olhar para a realidade económica e social do país, faz um diagnóstico negativo sobre a África do Sul. O presidente Balthazar Voerster, defensor do *apartheid* e apoiado pelos militares liderados por P. W. Botha e Magnus Malan, está convencido de que os negros nunca chegarão a pôr o regime em perigo. O presidente da Homegaz é de opinião contrária, dada a grande diferença numérica entre brancos e negros. Pensa que o ANC (Congresso Nacional Africano) tem muito mais força do que se julga e vai iniciar uma ofensiva terrorista acompanhada por uma grande onda de protestos nas ruas e nas empresas. Com as novas disposições sul-africanas acerca da constituição de *stocks* estratégicos, Bulhosa decide ceder o controlo da distribuidora Sonap à Mobil South Africa.

O custo para cumprir as normas era insuportável.

Num jantar na Cidade do Cabo, Patrick conhece o milionário sul-africano, Anton Rupert, que o convida para almoçar na sua

quinta em Stellembosh. No encontro este manifesta uma oposição muito forte à política de Pretória e indica que há um membro do parlamento que merece ser apoiado, Frederik de Klerk. Em relação a Nelson Mandela, considera que é o único dos africanos que pode ainda permitir uma transição pacífica apesar de estar preso há duas décadas.

No dia seguinte, Patrick almoça com Frederik de Klerk e fica muito bem impressionado. É o primeiro responsável africâner que tem uma análise objectiva da situação. Mais tarde (1980-1982) será o ministro da Energia e Minas e vão ter reuniões sobre o abastecimento de crude.

Numa curta viagem a Salisbury (hoje Harare) tem um jantar com George Atmore e o chefe do CIO (Central Intelligence Office), Ken Flower, parente de um velejador da classe Finn, seu conhecido, que tinha estado em Cascais em 1970. Quando já tinham terminado o jantar aparece o comandante do Regimento de Selous Scouts, a unidade de elite rodesiana de luta antiguerrilha. O comandante Ronald Reid-Daly dá-lhes um ponto da situação: «Sempre que confrontámos a Zanu e a Zapu vencemos a batalha; mas não sei se vamos ganhar a guerra! Somos um país pequeno e estamos a lutar contra a União Soviética e a China, que são superpotências.»

No dia seguinte é o convidado de honra do Mazoe Yatch Club no lago McIlwaine, a 30 quilómetros de Salisbury, onde encontra velejadores seus conhecidos da Classe Finn, que competiam frequentemente em Moçambique e na África do Sul. Muitos rodesianos passavam as suas férias na Beira e na ida ou na volta visitavam o Parque da Gorongosa. Não deixa de ficar admirado com a determinação destes brancos que amam o seu país e que, apesar de estarem apreensivos em relação ao futuro, não pensam abandoná-lo.

De regresso a Lisboa, analisa longamente com Arlette a situação e decide vender alguns activos em Portugal e investir no estrangeiro; mas para tal tem que assumir o controlo da Fundação com a

compra de algumas posições de membros da família, inclusive da sua mãe. Para o efeito contrai um empréstimo bancário, mas tem que dar um aval pessoal que mais tarde terá consequências muito negativas para a sua situação financeira.

Na mesma altura, reúne com o seu sócio, Arnaldo Hibon de Campos, na sociedade agrícola proprietária da herdade do Marmelo e de comum acordo decidem iniciar contactos com vista à sua venda.

Muito provavelmente devido à sua educação e aos cinco anos passados a estudar em Paris, não se sente bem em Portugal com a situação política do país. Existe falta de expressão democrática, censura, polícia secreta e um parlamento ridículo.

Tinha tido, como muitos, esperança em Marcello Caetano, por ser um emérito professor de Direito, respeitador do quadro legalista. Mas Marcello não tinha sabido «dar a volta». Apesar de uma tentativa com a chamada Ala Liberal, não conseguiu influenciar a orientação política do Governo.

Por estes dias, encontrava-se regularmente com Jorge Dória Monteiro e António Prazeres, gestores do Grupo CUF, João Hipólito Raposo, António e José Dias da Cunha, Luís Possolo, António Mardel Correia, Manuel Champalimaud e as suas mulheres. Os homens tinham longas conversas sobre a situação política do país e concordavam que a mesma não podia perdurar. Mas também não sabiam qual seria a melhor maneira de resolver o problema pois não havia qualquer alternativa política. Embora todos tivessem mais alguns anos que ele, levavam as suas opiniões em conta face ao seu currículo. Por vezes na brincadeira tratavam-no como o «puto francês revolucionário!».

Neste clima praticamente irrespirável, Patrick acompanha António Prazeres a umas reuniões de um clube de reflexão denominado Sedes, onde João Salgueiro tinha um papel importante. Aqui também encontra Rui Vilar e Nunes Rodrigues, mas acha que a Sedes era muito «socialista» para o seu gosto. Não aceitou associar-se e deixou de ir aos encontros.

Numa viagem para os Estados Unidos tem uma longa conversa com José Manuel de Mello que, com o seu irmão Jorge, controlava o Grupo CUF e eram agora sócios de Manuel Bulhosa na área dos petróleos. José Manuel de Mello também praticava vela, um dos seus desportos favoritos com bons resultados nas classes Star e Dragão.

Ao longo da conversa este exprime a sua grande preocupação com a situação política e menciona que, para além de apoiar a Sedes, encomendou ao professor Herman Khan, que lidera o Hudson Institute, um estudo sobre as consequências sociais, económicas e financeiras para Portugal, no caso de as províncias africanas se tornarem independentes. O Ultramar era um mercado cativo para a Metrópole e todo o transporte marítimo era reservado a navios nacionais. O grupo CUF era o maior armador português detendo a CNN, a Companhia Nacional de Navegação, a Sociedade Geral e 25% da Soponata. O relatório concluía que, se Portugal viesse a perder o Ultramar, teria no futuro grandes dificuldades económicas e financeiras.

Apesar da guerra e da situação política, a vida em Portugal até era agradável e pacata. Patrick e Arlette viviam no Campo de Santana, numa *penthouse* de um prédio da Fundação, com uma vista panorâmica sobre Lisboa. O Pascal e a Agnes estudavam no Lycée Français.

Aos fins-de-semana, quando não velejava jogava golfe no Estoril ou ténis no Cif, em Monsanto, e sempre que podia tinha duas sessões de preparação física para a vela com o Afonso dos Santos (Tope). As idas ao Alentejo completavam os outros fins-de-semana.

Os verões passavam-se em Cascais e em todos os invernos iam fazer ski para Zermatt com a família Herédia. Todos os anos participava em várias competições de vela internacionais.

A cidade de Lisboa tinha excelentes restaurantes como o Tavares, o Aviz e o *Grill* do Ritz onde almoçavam os altos responsáveis das

maiores empresas e bancos. Ainda não era usual as empresas terem salas de jantar particulares. O Gambrinus era o *ex libris* para jantar ou cear. Em Cascais, o Frango Real, o Pescador e o English Bar eram os restaurantes favoritos de Patrick e, no Guincho, o Muchacho.

À noite ia-se com frequência ao cinema e tomava-se um copo nas *boîtes* da moda – o Stones e o Ad Lib em Lisboa, ou o Caixote e o Van Gogo em Cascais.

O Algarve estava no início do seu desenvolvimento com vários projectos de alto nível. A Quinta do Lago era de longe o melhor e o seu promotor, o André Jordan, um *expert* de nível internacional.

A vida cultural era algo limitada mas a ópera no São Carlos e a Orquestra da Gulbenkian eram de boa qualidade. No teatro, Laura Alves, Vasco Santana e Camilo de Oliveira actuavam com êxitos. As revistas no Parque Mayer eram um misto de musical, bailarinas, cenas cómicas, mas também de crítica política por vezes dura contra o regime. Tal era permitido desde os tempos de Salazar que seguiu os conselhos de António Ferro, o seu mentor mediático que lhe teria dito: «Mais vale criticarem na revista do que na rua ou no Parlamento.»

Nessa altura, vinham a Lisboa vários artistas de nome: Johnny Hallyday, Dalida, Françoise Hardy, Eddy Mitchell e Louis Armstrong; e na sequência do golpe de Estado militar no Brasil, um grande número de artistas brasileiros emigraram para Lisboa. Havia concertos de Baden Powell, Chico Buarque, Tom Jobim, Maria Bethânia, Gal Costa, João Gilberto, Toquinho, entre muitos outros. Mas o mais famoso é sem dúvida Vinicius de Moraes que dá *shows* no Ad Lib e aceita mesmo um convite para actuar uma noite em casa de Patrick.

O bailarino francês Maurice Bejart causa um escândalo em Julho de 1968 quando num espectáculo no Coliseu de Lisboa dedica a sua actuação «aos que lutam contra a ditadura». A sua dedicatória levou a que fosse imediatamente expulso do país pela Pide.

Na RTP a emissão semanal do programa Zip Zip tem um enorme sucesso com Raúl Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz. Havia um *sketch* fabuloso de Raúl Solnado chamado «A guerra de 1908», adaptado do espanhol Miguel Gila, onde ele relatava, «como a gente se dava muito bem com o inimigo, tínhamos um avião que dava para todos. Eles bombardeavam às segundas, quartas e sextas e a gente bombardeava às terças, quintas e sábados e lá íamos vivendo!»

### **Os sheiks do restaurante Tavares**

Numa sexta-feira da Primavera de 1972, um grupo liderado pelo Mário (Nicha) Araújo Cabral acompanhado pelo Michel Costa (seu colega de liceu), o Manecas Mocelek, o Eduardo Oliveira Rocha, o Frederico Abecassis, o Manuel Correia e o Jorge Correia de Campos, monta uma enorme partida ao disfarçarem-se de sheiks árabes e jantam no restaurante Tavares com grande alvoroço.

Corre o boato que estão em Portugal para comprar um banco e também jazigos de petróleo em Angola. A especulação é enorme ao ponto de o jornal *O Século* trazer uma grande notícia na primeira página.

Bulhosa liga a Patrick para saber quem são os árabes. Duas horas depois o secretário-geral dos Negócios Estrangeiros pretende a sua ajuda para marcar um encontro com eles.

No dia seguinte descobriu-se que tudo não era mais do que uma enorme brincadeira prematura de Carnaval, mas houve quem não gostasse e alguns fizeram uma triste figura.

O país encontrava-se bem economicamente apesar do enorme esforço financeiro a que obrigava a guerra em África. Tinha um crescimento do PIB superior a 6% e não havia praticamente desemprego, embora muitos jovens estivessem na tropa ou tivessem emigrado para o estrangeiro. Havia dificuldades de alojamento e de assistência médica.

Mas por detrás de um panorama aparentemente pacato, havia uma forte contestação nos meios operários e estudantis, abafada e pouco perceptível para quem visitava o país.

### **República das bananas**

No início de 1974, Patrick vai jantar com Arlette a casa de Marcello Caetano no Linhó, a convite da sua filha Ana Maria. No fim da refeição, Marcello Caetano vira-se para Patrick e pergunta-lhe:

— Então, você agora anda com essa gente da Sedes?

— Se a sua informação é da DGS está desactualizada! Só fui a umas reuniões e não tenho intenção de ir a mais nenhuma — responde.

— Faz muito bem. Essa gente é toda esquerdista!

— Posso-lhe fazer uma pergunta? Não ao presidente do Conselho mas ao professor Marcello Caetano que, em 1962, não deixou a polícia entrar na Universidade e depois se demitiu! — pede delicadamente.

— Claro que sim.

— Portugal e Espanha são os únicos países da Europa Ocidental com regimes ditatoriais muito parecidos com as repúblicas das bananas. Isto, numa Europa que se está a construir em democracia com a CEE. Até quando?

— É preciso dar tempo ao tempo e o país está em guerra — responde Marcello incomodado com o rumo da conversa.

— Não sei se há muito tempo disponível... e quanto à guerra, o problema é que nunca foi ratificada por uma assembleia democraticamente eleita — remata Patrick.

A conversa ficou por ali e, pouco depois, Marcello Caetano retirou-se para os seus aposentos.

No regresso a casa levou uma valente descompostura da Arlette pela conversa, principalmente por ter utilizado a expressão «re-

pública das bananas». Na manhã seguinte, Meleiro de Sousa, que também estava presente no jantar, encontra-o no Clube Naval de Cascais e comenta: «Essa da república das bananas caiu muito mal ao professor!»

## 25 de Abril de 1974

Em Fevereiro de 1974, Patrick e a sua família vão para a Suíça gozar umas férias na neve. Alguns dias depois do regresso a Lisboa, a 16 de Março de 1974, dá-se uma tentativa de golpe militar. O Regimento de Infantaria N.º 5, sediado nas Caldas da Rainha, avança para Lisboa mas é travado às portas da capital por unidades militares leais ao regime. A acção é um fiasco e são presos vários oficiais.

O empresário Manuel Bulhosa é da opinião que a situação estava, por enquanto, controlada. Ted Xantaky tinha conversado com um responsável da CIA que lhe dera a mesma opinião e dera luz verde a uma deslocação aos Açores do embaixador norte-americano em Lisboa, Stuart Nash Scott, embora admitisse que, se o Governo não resolvesse o problema dos militares de carreira, podia haver outra tentativa de golpe de Estado.

Ainda na véspera do 25 de Abril, Patrick tem uma longa reunião com o embaixador Vasco Garin, presidente da Cabinda Gulf e com o engenheiro Cabral de Moncada, director-geral de Minas do Ministério do Ultramar, para acertar um possível *swap* de crude de Cabinda contra crude iraniano destinado às refinarias de Cabo Riuvo, Lourenço Marques e Durban. Nesse mesmo dia, janta no Restaurante Aviz no Chiado com William Beck, o presidente da Mobil na África do Sul, com David Taylor, CEO da Mobil em Portugal e Manuel Bulhosa onde abordam vários temas relacionados com Moçambique, com a África Austral e com a nova refinaria de Sines.

A revolução apanhou Patrick de surpresa, tal como a grande maioria dos portugueses. Quando acordou pelas sete da manhã o criado diz-lhe que algo está a acontecer em Lisboa. Tinha ouvido na telefonia que as Forças Armadas pediam calma à população. O momento era de algum nervosismo e estava tudo muito confuso. No seu rádio de ondas curtas *Halicrafter* ouve as notícias da BBC e fala com alguns amigos.

Decide então dirigir-se ao escritório da companhia e consegue enviar um telex para Lourenço Marques. O responsável local da Sonapmoc, João Bartolo, diz-lhe que está tudo calmo. Regressa a casa e continua a ouvir as emissoras estrangeiras que confirmam um golpe militar em Portugal e mencionam pela primeira vez o nome do general Spínola. A altas horas da manhã aparece finalmente na RTP a Junta de Salvação Nacional, liderada por António de Spínola.

Na manhã seguinte, ouve o relato dos acontecimentos da véspera: a saída de Marcello Caetano do quartel do Carmo num carro blindado, a libertação dos presos políticos de Caxias e o ataque à sede da DGS onde morrem quatro pessoas depois de agentes da polícia secreta terem aberto fogo contra os populares.

Para se inteirar da situação vai à Sonap falar com os colegas. Desde logo nota uma diferença no comportamento de alguns funcionários. Falam de uma forma diferente e com alguma arrogância.

Manuel Bulhosa chama-o à sua casa em Caparide e diz-lhe que vai para a Galiza, que foi aconselhado a sair do país. Uns dias depois, já em Paris, diz-lhe: «isto é um golpe militar que se transformou numa revolução». Pela sua leitura dos acontecimentos, acredita que Spínola é capaz de controlar a situação, mas num regime democrático. «O povo vai apanhar uma bebedeira de liberdade e democracia mas depois tudo vai entrar na ordem.» Mostra-se confiante porque Vasco Vieira de Almeida está a colaborar com a Junta de Salvação na área das Finanças e tem intenção de prosseguir a operação de compra do Crédito Predial.

O problema fulcral, diz Bulhosa, «vai ser o Ultramar pois tudo dependerá das Forças Armadas darem tempo para que se faça uma evolução ordenada até uma possível autodeterminação ou uma eventual independência dentro de um quadro de uma Commonwealth portuguesa». A 27 de Abril, numa conferência de imprensa realizada no Palácio da Cova da Moura, o general Spínola tinha declarado que «devemos acelerar o processo ultramarino que permita ao povo a autodeterminação, mas autodeterminação sob a bandeira portuguesa».

No momento da despedida, Bulhosa pede a Patrick que vá para Moçambique, logo que possível, com a missão de «aguentar o barco e abrir o jogo com todos os possíveis futuros actores».

Dá-lhe também instruções para, antes de seguir para África, o representar numa reunião de accionistas da Livraria Bertrand que pertencia a Jorge Gonçalves Pereira e cuja aquisição fazia parte do negócio do Crédito Predial onde ele detinha uma posição importante.

A reunião foi difícil pois houve alguma oposição, mas conseguiu a aprovação das medidas necessárias. Deste encontro nasceu um relacionamento de grande amizade com Jorge Gonçalves Pereira que perdura até aos dias de hoje. Os dois têm o gosto pela caça, muitos amigos em comum e passam frequentemente férias juntos.

## **Regresso a Moçambique**

Na deslocação para Moçambique, Patrick faz escala em Joanesburgo e reúne-se com Van Niekerk, um quadro superior dos serviços secretos sul-africanos. Recebe a informação de que a situação militar em Moçambique está muito complicada. Em vários aquartelamentos em zonas de guerra, as tropas recusam sair para as operações. Segreda-lhe também que o KGB tem vários elementos infiltrados no Movimento dos Capitães e conclui que,